

## AS MARIAS DO SERTÃO: DISCUTINDO AS REPRESENTAÇÕES DO CURTA-METRAGEM “VIDA MARIA” (2006)

Rafael da Silva Abreu

*Professor da Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação da Paraíba*

*abreurs@live.com*

### **Resumo**

Neste artigo analisamos as representações do curta-metragem “Vida Maria” (2006), dirigido por Márcio Ramos, que possui como ambientação o sertão nordestino brasileiro, tendo como foco as mulheres desta espacialidade. Dessa forma, a partir da obra estudamos a visão de regional mesclada a de gênero, o que torna fundamental para compreender os discursos estereotipantes e, muitas vezes, preconceituosos imputados ao Nordeste e nordestinos. Essas mulheres são representadas a partir de dois pontos distintos: como fortes e trabalhadoras para conseguir sobreviver na região semiárida; e, em virtude de sua vida sofrida, se tornaram ríspidas e insensíveis, assim percebemos uma aproximação entre as características da região e seus habitantes. Destarte, especificações pensadas e representadas para a região Nordeste foram também atribuídas a seus habitantes.

**Palavras-chave:** Gênero; sertão nordestino; Representações.

### **Introdução**

“Vida Maria” é um curta-metragem de animação produzido e dirigido por Márcio Ramos, em 2006, a obra contou com o apoio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura (Nº 12.464 de 29 de junho de 1998), do Governo do Estado e Secretaria de Cultura do Ceará. O referido curta é foco de estudo neste artigo por ter como temática o sertão nordestino, além disso, foi produzido e patrocinado por um Estado dessa região brasileira, assim podemos percebê-lo como uma representação de si, diferente do que ocorre em estudos de alteridade a nossa fonte de estudo não foi produzida pelo “outro”, mas pelo próprio “eu” se representando em imagens.

Em cerca de 9 minutos a animação nos conta a história de Maria José, garotinha que aparece debruçada numa janela escrevendo, repetidamente, seu nome num caderno velho, aparentemente está aprendendo a escrever. A câmera nos mostra um pouco do ambiente de fora e observamos: chão batido de terra seca e uma cerca de varas tranchadas, um ambiente rural que se aproxima do imaginário que temos do Nordeste. Isto será confirmado com a entrada da mãe na cena a partir de seu sotaque. No entanto, o que mais chama atenção neste momento é o tratamento ríspido desta com

a menina que a repreender por não ouvi-la chamar e afirma que não é para perder tempo desenhando nome e a manda ir para o quintal ajudar em algo, a garota se apressa em obedecer a mãe e vai encher um balde com água do poço.

O processo de encher o balde de água é usado para mostra a permanência da atividade na vida de Maria José, haja vista, que ela cresce no decorrer da sequencia de encher o balde e ir levar para os animais. Neste momento vemos a criança se tornar uma adolescente, que mal suporta o peso do balde, e, posteriormente, uma mulher com curvas sensuais que leva o bale água na cabeça com desenvoltura. Percebemos sua obediência e respeito ao pai, ao pedir a benção, e a troca de olhares com Antônio, indicando um flerte. O que vem a se confirmar pelas sucessivas gravidezes de Maria José, que continua em seus afazeres domésticos sob o mesmo sol escaldante.

Uma fila de sete meninos passa por ela no quintal, todos falam: “Benção, mãe” e ela os responde: “Deus abençoe”. O tempo passa e Maria José envelhece, com fortes marcas de expressão, possui o mesmo aspecto cansado e, até mesmo irritada, como de sua mãe. Porém, a semelhança não para por ai, ele repete a mesma cena que sua mãe fez com ela na infância. Repreende sua filha Maria de Lourdes por não ouvi-la e a manda ajuda-la e não ficar desenhando o nome, presenciamos a repetição de um ciclo que usurpa o direito de escrever. A garotinha corre para o quintal encher o balde com água enquanto vemos que na sala ocorre um enterro, Maria José traja preto, na sala os garotos acompanham o velório, apenas a garota é repreendida e mandada para o quintal. Na cena final, o vento faz as páginas do caderno de Maria de Lourdes passarem e vemos várias grafias diferentes, ainda em fase de aprendizagem, todas as palavras são nomes próprios em determinada sequência (Maria de Lourdes, Maria José, Maria Aparecida, Maria de Fátima, Maria das Dores, Maria Conceição, Maria do Carmo...), o curta encerra mostrando que aquela história não é restrita a Maria José ou Maria de Lourdes, mas várias gerações de mulheres do sertão que tem suas vidas tragadas pelas obrigações domésticas que as privaram do direito as letras, todas elas Marias.

Podemos perceber que o curta se concentra em retratar as mulheres do sertão, sertanejas, assim as representações da região e destas mulheres se relacionam e justificam-se no decorrer das imagens. Este perfil é fundamental para compreendermos como as representações são construídas na película, ou seja, como os nordestinos representam as sertanejas em “Vida Maria”. A importância desta pesquisa reside em entender a edificação das identidades nordestinas para discutir as imagens estereotipantes que circundam o imaginário nacional e, que em alguns casos e momentos, emergem socialmente como preconceito e discriminação.

Estas representações, a que nos referimos, são pensadas como uma substituição a uma ausência, ou seja, buscam tentar suprir o que os sujeitos idealizam como sendo o seu “real”, seguimos os estudos de Roger Chartier (2002a; 2002b). Dessa forma, nos dedicando a entender como os nordestinos, a partir da obra “Vida Maria”, constroem e interpretam o seu mundo, para sermos mais específicos como os nordestinos idealizam o seu sertão e sertanejas. Chartier ainda nos fala dessas representações como estratégias simbólicas de determinado grupo, cabendo de análise seus meios de representações. Partindo desses pressupostos realizamos as discussões a seguir.

## **Metodologia**

Ao pesquisar com representações devemos ter o cuidado para não cometermos anacronismo, segundo Chartier (2002b) as representações devem ser compreendidas a partir das práticas dos sujeitos da temporalidade de sua produção, assim sendo, nos coube fazer um mergulho temporal e analisar as representações dentro do contexto de produção, o que nesse caso não foi tão dificultoso devido à proximidade com a atualidade.

Seguindo estes estudos de representação Francisco Santiago Júnior diz: “Queremos dizer que o que o filme representa depende do que os sujeitos indexam a nele” (2008, p. 76). Destarte Lagny (2009) destaca a importância do contexto para elucidar o jogo representacional e, bem como, as referências e citações a outros filmes.

## **Resultados e discussão**

Uma das primeiras discussões a serem realizadas a partir do curta é a sua demarcação espacial, em nenhum momento a narrativa explicita se tratar do sertão nordestino, porém essa ligação entre as imagens exibidas e o imaginário coletivo sobre essa espacialidade brasileira é realizado prontamente pelo público (ver figura 01). Devemos parar e pensar quais foram as imagens exibidas: terra vermelha e sem plantas verdes, água sendo retirada de um poço, sol escaldante, ambiente rural, cerca de gravetos tranchados, mulher carregando baldes de água na cabeça e, por fim, teremos as roupas e sotaque das personagens que também remetem ao imaginário de Nordeste.

Parando para pensar essa configuração, percebemos que o sertão nordestino é simplificado a seca, um lugar que se torna hostil a vida humana, faz com que seu moradores adquiram características singulares, rugas tão cravadas na pele que remetem ao chão rachado dos açudes no

período de estiagem. Entretanto, o que mais gera inquietações é o fato de ser uma representação de si<sup>1</sup>, ou seja, o que torna de importante buscar assimilar sua identidade cultural ao flagelo da seca? Por que não apresentar um sertão vivo no período das chuvas? Por que não apresentar a própria diversidade que resiste ao período de estiagem no sertão?

**Figura 01** – Visão do quintal da casa de Maria José



**Fonte:** VIDA MARIA, 2009 (00h01min35seg).

Para tentar entender essas construções representacionais recorreremos a François Hartog (1999), o autor percebe que diante da relação do “eu” em confronto com a imagem do “outro”, ele busca se construir em oposição ao “outro”, nas palavras de Hartog: “Dizer o outro é enuncia-lo como diferente” (1999, p. 229). No caso do sertão a busca foi por uma singularidade sua, neste sentido a seca sobressaiu como elemento de diferenciação, esta peculiaridade causava um afastamento não só do restante do Brasil, mas do próprio litoral nordestino. Mas uma inquietação continuava: Por que não representar a seca a partir de uma visão positiva?

Para responder esta inquietação utilizamos os estudos de Albuquerque Junior:

[...] desde que a seca foi descoberta em 1877, com um tema que mobilizava, que emocionava, que podia servir de argumento para exigir recursos financeiros, construção de obras, cargas no Estado, etc. O discurso da seca e sua ‘indústria’ passam a ser a ‘atividade’ mais constante e lucrativa nas províncias e depois nos Estados do Norte, diante da decadência de suas atividades econômicas principais: a produção do açúcar e algodão. A seca torna-se o tema central no discurso dos representantes do Norte, que a instituem com o problema de suas províncias ou Estados (2011, p. 72)

<sup>1</sup> O diretor Marcio Ramos é gaúcho, mas reside no Ceará desde a infância, além disso, a obra foi financiada pelo Estado do Ceará.



Diante das análises do autor é possível perceber que a seca não aparece na construção dos discursos imagéticos da região Norte (atualmente chamado de Nordeste) de forma aleatória, surge a partir de discursos de vitimização para angariar verbas para região. Sendo assim, percebemos com a construção de sua especificidade espacial surge com interesses específicos, a intenção era vitimizar e apresentar a região como hostil aos seus habitantes, a negatividade sobre o sertão é o que se sobressai, os nordestinos, conseqüentemente, são percebidos como pessoas fortes que resistem a habitar aquele lugar.

Todo esse tema de hostilidade do sertão parece ser incorporado aos seus habitantes, para justificar, a sobrevivência dos mesmos ali. Maria José na infância é uma garotinha inocente e meiga tentando aprender “desenhar o nome”, mas eis que vem a labuta da vivência no sertão exigindo grande esforço físico que a adolescente mal suporta, até chegar a uma mulher sensual que vence as asperezas do trabalho, mas agora temos a fase reprodutiva, quanto mais filhos melhor para ajudar nas atividades de sustento da família. Maria José teve vários filhos, sua expressão vai mudando, observamos que com o passar do tempo a torna mais rígidas, seu rosto munda do inocente para o zangado e cansado daquela vida. A velhice é o momento mais fatigado, Maria José é ríspida com a filha, Maria de Lourdes, que tentava, como ela no início da obra, aprender a escrever o nome. A protagonista muda de vítima inocente para vilã insensível, a vivência na hostilidade do sertão é utilizada no curta-metragem para explicar a mudança de personalidade de Maria José, o sertão sendo representado como sofrido e seco é incorporado em toda sua “aridez” a personalidade das pessoas.

As representações da agressividade dos nordestinos foi associada por Albuquerque Junior ao estereótipo do cangaceiro que permeia a história dessa região. “O cangaço só vem reforçar essa imagem do nortista como homem violento e do Norte como uma terra sem lei” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 74). Percebemos, assim, que a percepção de agressividade se faz presente nas representações dos nordestinos, como no caso de Maria José.

Não podemos esquecer-nos de pensar esse contexto em que sujeitos têm suas vidas roubadas pela luta da sobrevivência constante na região. As Marias, José e Lourdes, que não tiveram direito a uma alfabetização, ou melhor, nem a aprender a escrever o próprio nome, podemos inferir dois pontos de discussão a partir disso: a escolarização e o lazer.

**Figura 02** – Maria José escrevendo seu nome.



Fonte: VIDA MARIA, 2009 (00h00min43seg).

A educação formal é apresentada como desnecessária, nas palavras da personagem: “uma perda de tempo”, observe a figura 02, percebemos a tentativa de Maria José adentrar no mundo das letras. Devido à vida sofrida e pesada o audiovisual representa uma descrença dos sertanejos num aplicabilidade das letras em seu contexto de vida, assim, a educação presente ali é a informal, passa pela oralidade e no dia-a-dia sobre o conhecimento cotidiano para viver no sertão. Educação e ancestralidade estão interligadas, o sentido de respeitar o mais velho é visível na obra pela prática de pedir a benção aos pais, como forma de respeito e subordinação.

O segundo ponto a ser debate é o tempo de lazer e divertimentos que aparenta inexistir, se não foi permitido a criança “desenhar o nome” fica subentendido que demais atividades recreativas seriam reprimidas da mesma forma ou pior. A vida no sertão deve ser disciplinada e para fortes, ao permitir desvios das obrigações de trabalho, neste conjunto representacional os detalhes e sutilezas da vida são deixados em segundo plano, pois é “perda de tempo”.

Mas, afinal, quem é Maria José na obra? O filme gira em torno dessa mulher, podemos afirmar que é o universo feminino que toma conta da película. Ao observarmos a trajetória da sertaneja perceberemos que a jovem criança tinha como papel social auxiliar nas tarefas domésticas, somando-se a isso o casamento e futuras gestações sucessivas, para ajudar no trabalho árduo. A vida de Maria, ou melhor, podemos nos referir as Marias que têm suas vidas dedicada a casa, ao filho e ao marido.

A obra nesse aspecto avança muito no quesito visibilidade, já habituados com representações do sertanejo bruto associado as cangaceiros, aos vaqueiros que se dedicam a vida lutando nas terras secas do sertão. Contudo, mesmo nesse curta observamos uma supremacia do masculino, afinal, as

Marias trabalham em função do pai, esposo e filhos, mesmo que eles mal apareçam na obra é perceptível esta relação família patriarcal.

## Conclusões

Percebemos que o conjunto representacional do sertão apresenta de forma limitado o espaço, podemos sintetizar essas representações em uma palavra: seca. Toda a complexidade da diversidade do semiárido é negada na obra, sabemos das dificuldades de sobrevivência no período de estiagem, mas o sertão como um todo é maior que isso, mesmo na seca existe vida, em muitos casos, uma flora que está à espera das primeiras chuvas para ressurgir.

Tal perspectiva limitada do Nordeste acaba por permear o imaginário nacional ao ponto de não ser necessário apresentar claramente o ambiente da obra, pois ao observar o ambiente semiárido se faz logo a associação ao sertão nordestino. A partir disso que compreendemos as representações contidas em **Vida Maria**, mesmo em se tratando de uma representação de si, oriunda de discursos de vitimização, desde a formação do discurso de vitimização na esfera política federal, até hoje observemos uma manutenção do mesmo bojo representacional. Contudo, começamos a perceber movimentos e discursões na atualidade que começam a colocar esse reducionismo do sertão em contestação, setores ligados ao meio ambiente e ao social trazem a diversidade do semiárido cada vez mais para o centro dos debates e estudos.

Além disso, o curta-metragem provoca grandes discussões sobre o sertão patriarcal, as Marias estão sempre em posição de serventia ao marido, lar e filhos. Levar essa discussão ao público é fundamental, o curta não faz a crítica por si só, não queremos afirmar que ele teria essa obrigação, mas é importante que passemos a pensar a obra como um instrumento para isso também, dentre uma das suas possibilidades de visualidade.

Por fim, destacamos a personalidade dos sujeitos sendo aproximadas, na obra, com as representações do sertão. Ambos sofridos, rípidos, cansados e secos (enrugados) devido o ambiente, Maria José nasce ingênua e meiga, mas vai ser sua vivência no sertão que provoca a mudança na sua personalidade, o lugar força transformações no corpo e personalidade para que a sobrevivência seja possível.

## Referências



ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Tradução Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universitária UFRGS, 2002b.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. 2 ed. Lisboa: Difusão Editorial. 2002a.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte – MG: Editora da UFMG, 1999.

LAGNY, Michele. O cinema como fonte da história. In. NÓVOA, Jorge; FRESSATO, S. B.; FEIGELSON, K. (orgs.). **Cinematógrafo: um olhar sobre a história**. Salvador – BA: EDUFBA; São Paulo: Ed. Da UNESP, 2009, p. 99-131.

PESAVENTO, Sandra J. **História & história cultural**. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2003.

SANTIAGO JUNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. Entre a representação e a visualidade: alguns dilemas da relação história cinema. **Domínios da imagem**, Londrina – PR, a. 2, n. 3, p. 65-78, nov 2008.

VIDA MARIA. Dirigido por Márcio Ramos. Ceará: VIACG, 2006 (09 min), son. Color.